

# Elogio a Lord Dahrendorf

*Timothy Garton Ash falou de forma comovente, com uma grande afeição e um real conhecimento, de Ralf Dahrendorf o Europeu, o Intelectual, o Acadêmico. Aqui, na Igreja Parlamentar de Saint Margaret, gostaria de reflectir brevemente sobre Ralf Dahrendorf o Parlamentar.*

**N**um simpósio em honra de Ralf, que Timothy organizou em St Antony's a 1 de Maio, no 80º aniversário do Ralf, tivemos o privilégio de ouvir o seu último discurso. Estava muito frágil e a sua voz era sumida, mas mantinha o brilho e o vigor intelectual.

Nos agradecimentos, falou de 1989 como “o grande momento da liberdade”. Mas, sublinhou, “sem o estado de direito a nossa fé nos mecanismos da democracia não é suficiente”. E então fez talvez o mais memorável comentário: “No fundo, sou um parlamentar”. Nenhum dos seus colegas da Câmara dos Lordes, aqui presentes hoje, questionaria esta verdade.

Por certo nenhum parlamentar dos tempos modernos teve uma vida mais verdadeiramente enraizada na democracia, ou teve a sua fé na liberdade mais duramente testada. Ralf herdou esta fé de um pai corajoso, que foi eleito em 1932, o ano da ascensão ao poder de Hitler. Como nos lembrou o Timothy, mesmo antes de ter idade para se filiar no Partido Social-Democrata do seu pai, o jovem Ralf de 16 anos foi enviado para um campo da Gestapo por distribuir propaganda anti-nazi.

Mais tarde, durante os seus dias brilhantes como estudante, a sua fé apaixonada pela liberdade do indivíduo era tão arreigada que não constituiu uma surpresa para os seus contemporâneos quando se propôs nas eleições para o Bundestag como membro do pequeno Partido da Livre Democracia; nem ficaram surpreendidos quando depressa se tornou membro do governo de coligação de Willy Brandt.

Depois, veio um tempo de desilusão, como comissário em Bruxelas, cargo de que saiu, aliviado, para abraçar os desafios da LSE [ London School of Economics]. Foi apenas a meio do seu cargo como Reitor em St. Anthony que o então já cidadão britânico, Sir Ralf Dahrendorf, reentrou a arena política ao tomar o seu lugar nas bancadas Liberais-Democratas na Câmara dos Lordes.

Quando se reformou de St. Antony em 1997, os Lordes tornaram-se praticamente o centro da vida do Ralf. Apre-



ciava muito a sua pertença e estava grato ao partido Liberal Democrata pela oportunidade de servir no Parlamento. Mas Ralf transcendia os partidos e tem de ser dito que os seus anos mais felizes na Câmara dos Lordes foram passados nas *Cross Benches*<sup>1</sup>, de onde ele mantinha e desenvolvia amizades em toda a Câmara, sendo considerado um dos membros mais influentes e discretos.

Conheci Ralf em 1992. Tinha conhecido Archie Brown, de St. Antony's, em Moscovo. Archie tinha-me convidado para jantar na mesa principal da faculdade e sentaram-me ao lado do Reitor. Conhecia a extraordinária reputação de Ralf mas fui conquistado pelo seu calor e comovido pela sua palpável afeição pelo mundo académico e pelo mundo político e pelo seu desejo ardente de ver construídas o maior número possível de pontes entre eles. Começámos a trabalhar numa dessas pontes nessa mesma noite, já que foi durante a nossa conversa que surgiram as bolsas de



estudo anuais em St. Antony para parlamentares.

Desenvolvemos uma estreita amizade e trabalhámos juntos não só nas bolsas mas também noutros projectos, incluindo um prémio internacional para o capitalismo responsável, dirigido pela revista FIRST. Ralf tornou-se o primeiro e muito eficiente Presidente dos Juizes, uma posição que apreciava e à qual se dedicava muito. Aqui em Westminster era um dos principais apoiantes da nossa campanha por uma Segunda Câmara Eficiente. Dedicado à democracia como era, Ralf acreditava que a Câmara dos Lordes era única entre as Câmaras parlamentares do mundo, adicionando um especial valor ao sistema democrático pelo alcance e riqueza de experiências que os seus membros possuíam e porque era uma assembleia de homens e mulheres que, onde quer que se sentassem, estavam livres dos constrangimentos inibidores da batuta rígida de um partido.

Nestas circunstâncias é muito comum dizer generalidades

ou usar palavras sem as ponderar — algo que Ralf nunca fazia. Porque Ralf era um homem que se teria integrado facilmente no Renascimento ou no Iluminismo. Tinha o prazer de aprender de um Erasmus, a paixão pela liberdade de um Voltaire e uma habilidade rara (como testemunhei quando ele veio falar com seis estudantes da minha circunscrição eleitoral) para partilhar o seu conhecimento e entusiasmo sem condescendência ou falsa bonomia. E para Ralf as pequenas delicadezas da vida eram muito importantes, e uma das razões era pelo facto de manifestarem exteriormente a liberdade do indivíduo, que era a sua paixão constante.

Porque é que ele se considerava “no fundo, um parlamentar”? Para ele o verdadeiro parlamentar era aquele que punha a obrigação nacional e o dever cívico acima da facção partidária a que pertencia. Um parlamentar era uma pessoa que detestava a confusão e se revoltava contra o excesso de burocracia; que detestava a regulamentação mesquinha e confusa e o contra-senso do politicamente correcto. Um parlamentar era, antes de mais, alguém que lutaria para permitir aos homens e mulheres a possibilidade de fazerem alguma coisa, em vez de lhes dizer o que fazer. Existe uma frase muito significativa no final do seu livro *On Britain*: “O grande governo arrogou-se de cada vez mais e mais tarefas e funções, ao mesmo tempo que se lhe tornou cada vez mais difícil transmitir vida seja ao que for”.

Ralf instilava vida em todas as instituições e organizações com que contactava. Ele próprio um autor prolífico, admirava e encorajava as pessoas criativas. Acreditava na importância de reconhecer e recompensar o seu sucesso, fosse a produção de uma tese de doutoramento inspirada ou a direcção de uma empresa que cumprisse as suas obrigações não só com a sua força de trabalho e clientes mas para o mundo mais alargado.

Tudo o que conseguia era feito com uma enorme leveza no tacto e um delicioso sentido de humor, muitas vezes dirigido a ele próprio. Todos assistimos àquele gozo brincalhão nos seus olhos, ecoado por aquilo a que apenas consigo chamar “brilho” na voz.

Foi justamente honrado por nações e universidades de todo o mundo especialmente pelas dos seus países de nascimento e de adopção. Nunca esquecerei a sua alegria travessa quando me contou que, ao receber a condecoração da ordem de mérito alemã, tinha descoberto que a primeira pessoa a usá-la tinha sido Bismark.

No final da sua vida era uma inspiração para todos aqueles cujas vidas ele tinha tocado, em especial a sua família, em que ele tinha tanto orgulho. Mas todos lembraremos a humanidade e humildade de um homem que, apesar de não ser bombástico ou dogmático, nunca sucumbia ao preconceito ou desistia de uma tentativa de persuasão. Ele apreciava as muitas oportunidades que a sua pertença ao Parlamento britânico lhe tinha dado de avançar e defender as causas que lhe eram queridas, mas apreciava mais do que tudo um sistema que era a última salvaguarda contra a tirania brutal e dura que tinha combatido na sua juventude. ●

<sup>1</sup> Filas de cadeiras situadas no meio da sala da Câmara dos Lordes; estas cadeiras separam o governo da oposição. Neles sentam-se os pares que não são membros de nenhum partido político em especial ou que, por alguma razão, se querem eximir à orientação de voto do seu partido. (NT)

*Nova Cidadania* agradece a autorização para publicação.